

LACUNAS NA FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS PARA O CUIDADO À SAÚDE MENTAL DA POPULAÇÃO TRANS

Débora Ellem Pereira Xavier¹

deboraxavier.psicologia@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho parte da premissa de que as lacunas na formação de profissionais de saúde impactam diretamente a qualidade do cuidado ofertado à população trans no campo da saúde mental. Considera-se que o despreparo para lidar com questões de gênero e diversidade contribui para a reprodução de práticas excludentes, violências institucionais e fragilização dos vínculos terapêuticos, comprometendo o acesso e a continuidade do cuidado. Nesse sentido, compreende-se que o modo como os profissionais são formados e concebem o sofrimento psíquico influencia diretamente suas práticas de escuta e intervenção. O objetivo geral é analisar, a partir de revisão narrativa da literatura, as principais lacunas na formação de profissionais de saúde no cuidado em saúde mental voltado à população trans.

Palavras-chave: Saúde mental; População trans; Formação profissional; Cuidado.

Área Temática: SAÚDE MENTAL.

1. INTRODUÇÃO

Apesar dos avanços nas discussões sobre gênero no campo da saúde, de acordo com Medeiros et al. (2024), as demandas específicas de pessoas trans, especialmente travestis e mulheres transexuais, permanecem frequentemente invisibilizadas ou reduzidas a uma perspectiva biomédica e patologizante, desconsiderando os determinantes sociais, culturais e históricos que atravessam suas experiências. As identidades trans são tensionadas por normas cis-heteronormativas que produzem marginalização e vulnerabilidade social (Boffi et al., 2025), portanto, compreender o cuidado em saúde para essa população exige partir de um lugar reconhecendo as dimensões interseccionais que constituem os processos de adoecimento e cuidado. Essa perspectiva problematiza as práticas profissionais historicamente marcadas por perspectivas normativas que tendem a enquadrar as experiências trans em categorias diagnósticas.

De acordo com Moretto (2024), quando há pouca ou inexistente disponibilidade do profissional de saúde para reconhecer o sofrimento do outro, essa postura tende a intensificar o desamparo, enfraquecendo significativamente os recursos que a pessoa em sofrimento necessita para enfrentar seu sofrimento. A forma como cada pessoa lida com um acontecimento não depende somente do evento em si, mas das suas condições subjetivas e da maneira como se relaciona e atribui sentido a essa experiência. Assim, torna-se necessário problematizar a

formação dos profissionais que atuam na saúde mental, considerando que o despreparo para lidar com a diversidade de gênero compromete a qualidade do cuidado, gerando adoecimento ao (re)produzir e reforçar processos de exclusão e violência institucional. Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo discutir a atuação de profissionais de saúde mental no atendimento à população trans no âmbito da saúde mental.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa utilizou uma revisão narrativa da literatura, realizada em abril de 2026, por meio de buscas na base SciELO. Foram utilizadas combinações dos descritores “trans” e “saúde mental” AND “escuta” e “sofrimento”. Os critérios de inclusão abrangeram estudos publicados entre 2016 e 2026, textos disponíveis em português, metodologia clara e produções científicas que abordassem a relação entre população trans, saúde mental e serviços de saúde. A extração de dados considerou contribuições para a compreensão do cuidado em saúde mental voltado à população trans. A revisão foi conduzida segundo a técnica de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977), organizando os achados em dois eixos temáticos: (1) saúde mental e Sistema Único de Saúde e (2) população trans.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O cuidado em saúde mental deve ultrapassar abordagens biomédicas, pensando os aspectos sociais de subjetivação que atravessam os processos de adoecimento e cuidado. Entretanto, ainda que a integralidade se constitua como eixo estruturante, persistem práticas normativas que limitam a produção de um cuidado ampliado e comprometido com as singularidades dos sujeitos. Conforme problematiza Favero (2022), a busca por modelos universais de atendimento reduz a complexidade das experiências trans, reforçando práticas pouco cuidadosas ao que é demandado. O acesso da população trans aos serviços de saúde mental é atravessado por múltiplas barreiras e demandas específicas. As violências se expressam, por exemplo, no desrespeito ao nome social, no uso inadequado de pronomes e na fragilidade dos processos de acolhimento por parte das equipes de saúde.

Essas práticas impossibilitam a construção de vínculo entre profissionais e usuários, elemento fundamental para a continuidade do cuidado em saúde mental, além de contribuírem para o afastamento dessa população dos serviços. Os estudos de Borgert et al. (2023) reforçam a compreensão de que as dificuldades vivenciadas pela população trans no acesso aos serviços de saúde estão relacionadas às experiências de desrespeito e despreparo profissional no cotidiano dos atendimentos. A partir de entrevistas com pessoas trans, os autores dialogam que situações como o uso inadequado do nome social, até mesmo a negação de atendimento e a

ausência de acolhimento produzem sentimentos de constrangimento, insegurança e medo, levando muitos usuários a evitar ou postergar a busca por cuidados em saúde.

Outro aspecto relevante refere-se às lacunas existentes na formação dos profissionais de saúde, pois o cenário mostra que as temáticas de gênero e diversidade ainda ocupam um lugar periférico nos currículos de graduação, o que reforça a produção de práticas marcadas pela reprodução de violências institucionais. Nesse contexto, o chamado “não saber” dos profissionais diante dessas demandas não se relaciona à dificuldade de problematizar normas sociais que atravessam o exercício profissional. Assim, o desafio colocado ao campo da saúde mental envolve a construção de uma formação ética e crítica às diferenças, capaz de sustentar práticas comprometidas com a integralidade do cuidado e com a garantia de direitos.

4. CONCLUSÃO

Conclui-se que é fundamental reconhecer a complexidade das experiências trans, considerando as dimensões particulares. Práticas institucionais ainda operam a partir de lógicas normativas que limitam a escuta, produzem silenciamentos e, muitas vezes, reforçam processos de exclusão e sofrimento psíquico. As barreiras não apenas comprometem a qualidade da atenção ofertada, como também contribuem para o afastamento da população trans dos serviços de saúde, agravando situações de vulnerabilidade e sofrimento. Outro aspecto central refere-se à formação dos profissionais de saúde, que ainda se mostra insuficiente para lidar com as demandas relacionadas à diversidade de gênero. É necessário investir na construção de práticas de cuidado que priorizem a escuta qualificada e o respeito às identidades. Isso implica transformações nas práticas institucionais e nos modos de produção do cuidado em saúde mental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOFFI, Letícia Carolina; BARBOSA, Luiza Moreira Flora; HASSE, Mariana. “*Você tem que aprender a viver e isso dói*”: experiências e percepções de violências vividas por homens trans. *Interface (Botucatu)*, Botucatu, v. 29, supl. 1, e240143, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/interface.240143>. Acesso em: 12 abr. 2026.

BORGERT, Vivian et al. “*A gente só quer ser atendida com profissionalismo*”: experiências de pessoas trans sobre atendimentos de saúde em Curitiba-PR. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 33, e33036, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-7331202333036>. Acesso em: 12 abr. 2026.

FAVERO, Sofia. “*Como atender travestis e pessoas trans?*”: (des)cisgenerizando o cuidado em saúde mental. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 66, e226613, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449202200660013>. Acesso em: 13 abr. 2026.

MEDEIROS, Matheus Alves et al. *Fatores de estresse e resiliência no acesso e utilização de serviços de saúde por travestis e mulheres transexuais no nordeste brasileiro*. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 33, n. 1, e220904pt, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902024220904pt>. Acesso em: 12 abr. 2026.

MORETTO, Maria Livia Tourinho. *A importância da escuta do sofrimento na formação e nas práticas de cuidado em saúde*. *Revista Espaço Pedagógico*, Passo Fundo, v. 30, e15531, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5335/rep.v30.15531>. Acesso em: 13 abr. 2026.